

PMS / FMLF  
BIBLIOTECA

Jornal:

Tribuna da Bahia

Data:

03/11/15

Caderno:

Cidade

Página:

14

Seção:

Assunto:

BAIRRO

ITAPUÁ

# Reunião definirá situação de camping

YURI ABREU  
REPÓRTER

Fotos: ACS

No último domingo, 1º de novembro, foi o dia final do prazo dado pela Prefeitura de Salvador para que os campistas que hoje ocupam o Camping Ecológico de Itapuá deixassem o local. O encerramento das atividades foi imposto pelo Decreto nº 26.407 publicado no Diário Oficial do Município em 1º de setembro com prazo de 60 dias para cumprimento.

No entanto, por conta do feriadão prolongado, não houve movimentação de agentes da Prefeitura na região. Na manhã de ontem, o que havia apenas era uma placa informando sobre a desativação do camping que, desde 2004, está sob a gestão da Associação dos Campistas de Salvador (ACS). A definição sobre a situação do local – que funciona há mais de 40 anos – pode sair após uma reunião na tarde desta terça-feira entre representantes da Secretaria Municipal da Fazenda (Sefaz) e de outros órgãos municipais. Até então, não havia sido tratado qualquer plano efetivo, segundo a assessoria de comunicação da Sefaz.

A expectativa da associação é de que, neste encontro, seja levado em consideração o pedido de extensão do prazo de saída do camping por mais 90 dias, caso não houvesse a possibilidade de permanência no local. “Entramos em contato, na última quinta-feira, através do deputado Zé Neto, com o deputado Pablo Barrozo e o vereador Duda Sanches, que são do mesmo partido do prefeito, e enviamos um material, aos dois, expondo nosso ponto



## DESATIVAÇÃO

Definição sobre o futuro do local que funciona há 40 anos pode ser definida hoje

de vista, já que, por muitas vezes, tentamos a realização de audiências com o Prefeito, mas não tivemos sucesso”, disse Cléia Cardoso, diretora administrativa da ACS.

O aumento neste prazo serviria, segundo ela, para que a associação pudesse se organizar melhor, pelo menos até o começo do próximo ano. “Temos crianças que estudam no entorno e precisam terminar o ano letivo, sem contar que precisamos liberar os funcionários, além de quitar alguns contratos como os da Embasa, por exemplo. Pretendemos também, caso não possamos ficar aqui, deixar a área limpa e arrumada”, contou.

O acréscimo de mais 90 dias também valeria para que os cerca de 75 associados que o camping possui atualmente tivessem onde colocar os equipamentos em outros lugares, até mesmo em um terreno onde ficaria o novo camping

na região de Itapuá que, segundo Cléia, teria espaço para receber não apenas os associados como também eventuais interessados em acampar no local. “A gente quer mostrar a Prefeitura a importância de o município ter um camping. Mas, se for para sair daqui, queremos que seja de forma harmônica”, apontou.

Enquanto a resposta sobre a demanda não chega, a ordem no local é de continuar recebendo pessoas, mesmo com a proibição da gestão municipal. “Tivemos a garantia, por parte de Barrozo e Sanches, que nada ia acontecer aqui por enquanto”, falou Cléia. Dentre algumas das justificativas apontadas pela gestão municipal para a retomada do terreno está o fato de que o camping era utilizado para fins de moradia e que no local havia construções alvenaria com ar condicionado e TVs por assinatura. Segundo a gestão municipal, o terreno usado pelo camping teria autorização para ser alienado, conforme a Lei Municipal 8655/2014. “Ocorreram, de fato, duas construções, mas a entidade não coaduna com essa ação, que foi feita sem o nosso conhecimento. Até procuramos a Prefeitura, à época, para que ela tomasse alguma atitude com relação a isso”, rebateu Cléia.

## TENSÃO

No camping, o clima era de tensão entre os ocupantes do local que esta-

vam visivelmente nervosos. No último domingo, eles chegaram a fazer um “acampamento”, para reforçar a defesa na manutenção do espaço. Outros, no entanto, já com medo, preferiram deixar o local antes mesmo da definição acerca da situação, de acordo com os que ainda permanecem.

“O sentimento é desespero e já não sei o que fazer, pois não tenho condições de pagar um guincho. Acho muito desumano o que a Prefeitura está fazendo com a gente”, reclamou, Cristiane Figueiredo, que mora no local há sete anos, ao lado dos dois filhos, marido e sogra. Ela ainda disse que poderia voltar a morar na casa da mãe, mas que optou pelo camping pelo estilo de vida proporcionado.

“Você não ouve falar sobre casos de violência aqui dentro. Na Copa do Mundo, para se ter uma idéia, circulavam de 100 a 200 pessoas por dia. Aqui é o único lugar no estado da Bahia onde se pratica o chamado turismo social. Por conta da situação atual, estamos todos em pânico. Tem gente que vive aqui desde que nasceu. Isso não pode ficar assim”, contou o também morador Alexandro Chaves, conhecido como “Gaya”. De acordo com ele, são gastos cerca de R\$ 30 mil por mês para a manutenção do camping com segurança, energia elétrica, água, dentre outros.



## ESPAÇO

Clima de tensão prevalece entre os ocupantes